

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO: ALGUMAS REFLEXÕES

¹Debora Nunes Dantas; ²Glauber Barros Alves Costa

Resumo

A proposta desse trabalho é discutir e analisar como é abordado no livro didático de Geografia questões relacionadas a gênero, dessa forma, buscou-se investigar de que maneira essa discussão se concretiza no livro didático do ensino médio. A pesquisa é qualitativa de característica documental, o material utilizado para análise foi o livro “Geografia Geral e Geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico”, de Terra e Coelho (2005), esse manual foi escolhido por ter sido utilizado por algumas escolas brasileiras no período de 2009 a 2011. Como resultado observa-se que os conteúdos relacionados à Geografia de gênero são apresentados de forma superficial nesse livro, além de não serem abordados por um viés crítico que permitisse aos estudantes romper com os estereótipos construídos social e culturalmente sobre as diferenças entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Livro didático; Gênero; Ensino de Geografia.

Introdução

Sabe-se que o livro didático no contexto escolar é um dos principais recursos utilizados pelos professores, seja como fonte de informação ou como sequência para os conteúdos trabalhados, mas por vezes ele pode refletir ideologias dominantes e estereótipos, se configurando em uma mercadoria importante para o mercado editorial. Daí a necessidade de estarmos atentos para os materiais produzidos, para que a sua escolha e utilização deem conta de gerar uma aprendizagem relevante para a formação de um aluno crítico e consciente do seu papel como agente atuante na sociedade.

No entanto, apesar do livro didático ser um recurso importante para os professores, é preciso considerar que estes devem buscar outros meios que permita ao discente olhar os diversos assuntos por outras perspectivas, sobre isso, Vesentini (2003) ressalta que ao invés de aceitar “a ditadura” do livro didático o professor deve ver nele um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa integrar criticamente o aluno ao mundo.

Nesse sentido, desenvolvemos esse trabalho que faz parte de um projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, intitulado “O livro didático de Geografia: representações e materializações”. Esse projeto é dividido em quatro eixos, etnia/raça, gênero, nordeste e movimentos sociais, nesse caso o eixo Gênero é a centralidade da pesquisa.

Assim, objetiva-se discutir e analisar como são dispostos os conteúdos e imagens que estabeleçam uma relação com questões referentes a gênero no livro didático intitulado “Geografia Geral e Geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico”, dos autores Terra e Coelho (2005). Esse manual foi escolhido por ter sido utilizado por algumas escolas brasileiras no período de 2009 a 2011, especificamente em escolas do sudoeste baiano, onde a Universidade do Estado da Bahia Campus VI-Caetitê está inserida e onde o livro foi coletado para ser analisado. Durante a pesquisa foi percebido que em algumas escolas ele ainda foi utilizado nos anos de 2012 e 2013, uma vez que os professores optaram por continuar com este manual mesmo depois do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2012 a 2014 ter sido liberado.

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus VI. Participa de Iniciação Científica pesquisando o livro didático de Geografia: representações e materializações. E-mail: deboralr2010@hotmail.com

² Doutorando em Educação pela UFSCAR, mestre em educação pela UFS e Professor da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus VI. Orientador do projeto de pesquisa “Gênero, etnia e nordeste no livro didático de Geografia.” E-mail: glauberbarros@hotmail.com

Dessa maneira, este trabalho possui relevância social e acadêmica, pois pretende demonstrar se o livro didático de Geografia escolhido para análise e utilizado na rede pública de ensino vem avançando na discussão e compreensão das questões de gênero, ou se reforça a partir dos textos escritos e imagens as concepções da sociedade machista e patriarcal.

Metodologia

Esta investigação científica tem como intuito compreender como as questões de gênero são abordadas no livro didático de Geografia do ensino médio designado “Geografia Geral e Geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico”, dos autores Terra e Coelho (2005), sendo esta a fonte dos dados primários. O manual em questão foi utilizado por algumas escolas brasileiras da rede pública no período de 2009 a 2011. A escolha do livro didático em análise foi baseada na listagem apresentada pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e por ser um dos livros adotados em algumas das escolas do sudeste baiano.

A pesquisa é qualitativa, uma vez que não objetiva-se a quantificação ou descrição dos dados recolhidos, mas a importância das informações que podem ser geradas a partir de uma abordagem crítica da fonte documental. Lüdke e André (1986, p. 38), ressaltam que a análise documental constitui-se de uma “[...] técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Portanto, esta se configura em um método de investigação que visa compreender e analisar a realidade social utilizando-se os variados tipos de documentos.

Ao utilizar o manual escolar como fonte para esta pesquisa, pretendemos compreender como a ciência geográfica foi apresentada por esse meio particular, uma vez que iremos considerar durante a análise algumas questões essenciais, quais sejam: a autoria; os textos; as imagens; a compreensão de que esse manual não é apenas um instrumento que visa o processo de ensino-aprendizagem, mas é um produto fabricado e comercializado, sendo portanto, uma mercadoria. Ao considerarmos esses aspectos buscamos compreender a operacionalização da escolarização de saberes científicos que envolvem as relações de gênero.

Nessa perspectiva, à análise do livro didático foi feita a partir do entrecruzamento com outras fontes bibliográficas que ajudaram tanto na compreensão dos aspectos que envolvem o livro didático, quanto os que envolvem a categoria gênero, sendo realizada uma busca por livros, artigos e teses relacionados a esses temas.

A descrição dos resultados foi exposta juntamente com a discussão dos mesmos, objetivando um debate mais profundo sobre o assunto, na medida em que intenta-se verificar que tipo de discurso é empregado nos textos e imagens presentes no livro em análise e de que modo esse discurso se apresenta quando aborda questões relacionadas a gênero, tendo em vista que a utilização do manual analisado vai refletir na educação de discentes do Ensino Médio.

Resultados e discussão

O livro didático escolhido para análise foi o titulado “Geografia Geral e Geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico”, ele foi concebido pela Editora Moderna no ano de 2005 em São Paulo. Esse manual é um volume único que abrange o programa curricular das três séries do ensino médio e está dividido em duas partes: a primeira aborda temas relativos à Geografia geral, sendo complementada pela segunda parte que trata de temas da Geografia do Brasil. Os autores responsáveis pela elaboração da obra são Lygia Terra e Marcos de Amorim Coelho, ambos possuem uma vasta formação acadêmica em Geografia.

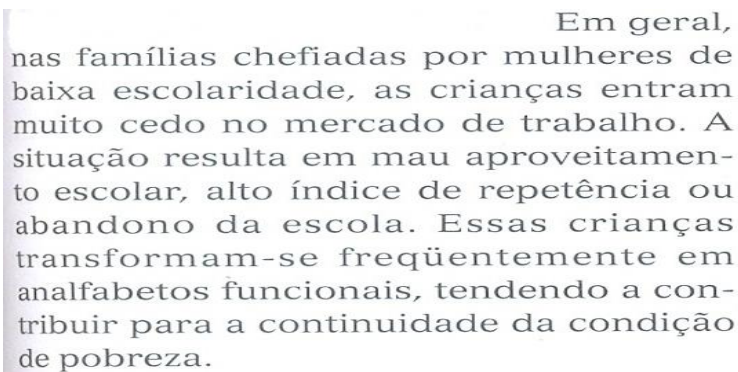
Ao se analisar todo o livro percebe-se que apesar de apresentar várias imagens de mulheres, com legendas que a expliquem, no decorrer do texto estas imagens não são evidenciadas. Apenas no capítulo 22 (Estrutura da população mundial), correspondente a primeira parte do livro, e no capítulo 10 (Distribuição da população, crescimento demográfico e estrutura da população brasileira), referente à segunda parte, é que assuntos relacionados às mulheres ganham destaque ao longo do texto.

O capítulo 22 aborda sobre a estrutura populacional e a divisão do trabalho por sexos, evidenciando uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho, mas que em muitos países

a discriminação e a submissão destas persistem, o que demonstra que as condições e a identidade feminina estão associadas não apenas a questão biológica, mas também territorial.

Os autores do livro alertam para a necessidade de se pensar o papel das mulheres na sociedade em que o estudante está inserido, mas não oferece nesse mesmo contexto um aprofundamento ou até indicação de caminhos para que o discente busque maiores conhecimentos sobre o tema que contribuam para a sua formação.

No capítulo 10, o que mais chama a atenção além do avanço das mulheres no ingresso ao mercado de trabalho, apesar da baixa remuneração, é a questão de que estas em algumas regiões metropolitanas estão exercendo a função de chefes de família, o que é um ponto positivo, pois mostra que as mulheres estão se tornando cada vez mais independentes. Porém, logo após o texto ressalta de modo negativo esse aspecto, como pode ser constatado pelo trecho a seguir (Figura 1):



Em geral, nas famílias chefiadas por mulheres de baixa escolaridade, as crianças entram muito cedo no mercado de trabalho. A situação resulta em mau aproveitamento escolar, alto índice de repetência ou abandono da escola. Essas crianças transformam-se freqüentemente em analfabetos funcionais, tendendo a contribuir para a continuidade da condição de pobreza.

Figura 1 - Fragmento de texto.

Fonte: Terra e Coelho (2005, p. 393).

Analisando esse trecho acima extraído do livro o que se percebe é um discurso que inferioriza a mulher, afinal, se existem problemas na educação dos filhos, o fato de ser a mulher a chefe de família nesse caso é o que pouco deveria importar, uma vez que um homem chefe de família com baixa escolaridade poderia passar pelas mesmas dificuldades, assim, se existem essas dificuldades o problema é social e não de gênero, no entanto, isso não é evidenciado ao longo do texto, o que permite concluir que somente a mulher chefe de família e com baixa escolaridade é que pode sofrer problemas no cuidado com os filhos, tal discurso “culpabiliza” a mulher.

É sutil, mas o texto afirma que a responsabilidade das crianças entrarem cedo no mercado de trabalho indiretamente é da mulher, e não do Estado que não dá garantias de qualidade de vida para essas famílias, ou da sociedade que aceita naturalmente o trabalho infantil como uma expressão da sociedade desigual. O aluno ao ler esse trecho acaba que reforçando outras ideias, como: não é bom ser de famílias chefiadas por mulheres; a responsabilidade é sempre da mulher; os analfabetos funcionais são frutos de mulheres que não souberam dirigir suas famílias, enfim, a Geografia necessita ir em outra via possibilitando ao estudante outros olhares.

No livro analisado os autores evidenciam a inserção das mulheres no mercado de trabalho, em que estas assumem postos de trabalho cada vez mais qualificados, ocupando espaços antes destinados predominantemente aos homens. No entanto, nota-se que quando aparecem imagens de crianças estas quando estão acompanhadas é apenas das mulheres, nesse sentido, percebe-se que a mulher ainda é concebida como a principal responsável pela proteção moral e destinada aos cuidados do lar e dos filhos, ou seja, embora esta assuma atribuições consideradas tradicionalmente masculinas, o mesmo não ocorre em relação aos homens, que ainda não realizam atividades domésticas, ou quando realizam é parcialmente.

Essa diferenciação de função entre o homem e a mulher acaba por produzir uma verdade que autoriza a captura da mulher como a principal responsável pelos cuidados do lar e dos filhos. Esses conhecimentos veiculados nos livros didáticos de Geografia acabam por regular o comportamento dos estudantes, pois eles estão aprendendo que homens e mulheres têm atribuições diferenciadas dentro do espaço doméstico.

Analisando as imagens percebe-se ainda que as mulheres que ocupam postos de trabalho mais qualificados são brancas e pertencentes aos territórios mais desenvolvidos. Quando aparece uma

mulher negra esta realiza trabalhos associados ao setor primário, que exige pouca qualificação, e situam-se em territórios considerados subdesenvolvidos. Assim, a identidade feminina bem sucedida e desejável é sempre mostrada pela pele branca, e ter outra cor de pele significa pertencer a outro território, não o dos países mais desenvolvidos. Sobre isso, Tonini (2002) evidencia que tal constatação mostra que os referenciais não são apenas biológicos, mas também geopolíticos.

As imagens veiculadas no livro dão a entender que as mulheres que vivem em países mais desenvolvidos têm profissões mais articuladas a setores mais valorizados da economia capitalista, como a indústria, isso traz indícios de que ela não ocupa mais posições tão tipicamente destinadas às mulheres “subdesenvolvidas” (tarefas domésticas) e que ela faz parte do contingente de mão de obra mais qualificada em relação à mulher “subdesenvolvida” (predomínio ocupacional no setor primário). Sobre isso Tonini (2002, p. 80) dar contribuições ao afirmar que “[...] tal constatação exemplifica a dupla discriminação que sofre a mulher “subdesenvolvida”: pelo território, através da sua função no espaço doméstico, e pelo gênero, através do desempenho de atividades profissionais diferentes”.

Assim, para se combater a educação sexista que muitas vezes o livro didático reforça, mesmo que sutilmente, é necessário fazer leituras críticas dele a partir da perspectiva de gênero, potencializando a escola como um espaço de educação não sexista, voltada portanto, para a superação de preconceitos entre os sexos, uma vez que o papel dessa instituição não pode ser o de discriminar e nem fortalecer laços que promovem a exclusão.

Conclusões

Constatou-se a partir desse estudo que os conteúdos relacionados à Geografia de gênero são apresentados de forma superficial e em poucas páginas do livro, além dos assuntos relacionados a essa perspectiva não serem abordados por um viés crítico, que permitisse aos estudantes romper com os estereótipos construídos social e culturalmente sobre as diferenças entre homens e mulheres.

Assim, percebe-se que o livro didático pode constituir-se em um material perverso na subjugação das identidades femininas. Os saberes ali produzidos e veiculados podem estar fortalecendo posições dissidentes, como o lugar do homem e o lugar da mulher, e o lugar da mulher “subdesenvolvida”.

Logo, nota-se a importância de um professor crítico de Geografia, capaz de compreender e discutir as questões de gênero, para que mesmo tendo contato com esses livros possa desconstruir e reconstruir concepções e valores apresentados.

Faz-se necessário também se rever a política de produção do livro didático, de maneira que cheguem às escolas manuais com conteúdos mais críticos. Reforça-se a ideia de que este não pode ser o único recurso utilizado em sala de aula pelo docente, uma vez que estes devem buscar outros materiais didáticos que auxiliem os alunos no desenvolvimento de um raciocínio crítico-reflexivo.

Referências

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

TERRA, Lygia; COELHO, Marcos de Amorim. **Geografia geral e geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico: volume único**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia**. 2002. 139f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VESENTINI, José William (org). **Geografia e Ensino: Textos críticos**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2003.